



O IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS:

UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONTO “BEIJO NA FACE”, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO

THE IMPACT OF DOMESTIC VIOLENCE ON THE CONSTRUCTION OF IDENTITY OF BLACK WOMEN: AN ANALYSIS FROM THE SHORT STORY “KISS ON THE FACE”, OF CONCEIÇÃO EVARISTO

Giovanna Coqueiro Penha¹
Lady Daiane Martins Ribeiro²

RESUMO

Este trabalho pretende analisar o impacto da violência na construção de identidade de mulheres negras, através do conto literário “Beijo na Face”, de Conceição Evaristo. Nosso intuito é investigar como a violência doméstica atravessa mulheres negras, constituindo sua produção identitária. Adotamos a teoria da Psicologia Social Crítica pela construção teórica e metodológica a respeito da identidade proposta por Ciampa (1984), que compreende o ser humano em constante transformação e emancipação. Investigamos, mediante a separação de categorias de análise, os enunciados que explicitam aspectos de violência e aspectos emancipatórios presentes no conto. As análises indicam que um ambiente violento aprisiona e delimita as condições básicas de vida, entretanto, identificamos possibilidades de enfrentamento e transformação pela via do afeto e das relações interpessoais que abrangem diferentes identidades femininas. Ademais, as reflexões deste trabalho suscitam análises a respeito do impacto da violência na vida cotidiana de mulheres negras e como é necessário construir ambientes de resistência e enfrentamento em que a transformação dessa realidade seja experienciada nas condições emancipatórias.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras. Identidade. Violência Doméstica. Emancipação

ABSTRACT

This work intends to analyze the impact of violence on the construction of identity of black women present in the literary tale “Beijo na Face” by Conceição Evaristo. Our intention is to investigate how domestic violence crosses black women constituting their identity production. We adopted the theory of Critical Social Psychology, due to the theoretical and methodological construction regarding the identity proposed by Ciampa (1984), which comprises the human being in constant transformation and emancipation. We investigated, through the separation of categories of analysis, the statements that explain aspects of violence and aspects of emancipation present in the short story. The analyzes indicate that a violent environment imprisons and delimits basic conditions of life, however, we identified possibilities of confrontation and transformation through affection and interpersonal relationships that encompass different female identities. Furthermore, the reflections of this work raise reflections about the impact of violence on

¹ Psicóloga. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). E-mail: giovannacoqueiro24@gmail.com.

² Professora Substituta na Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Psicologia pela UFG. E-mail: ladyfsp@gmail.com.



the daily lives of black women and how it is necessary to build environments of resistance and confrontation in which the transformation of this reality is experienced in emancipatory conditions

KEYWORDS: Black women. Identity. Domestic Violence. Emancipation.

1 INTRODUÇÃO

A escritora, poetisa e romancista Maria Conceição Evaristo de Brito (Conceição Evaristo) nasceu em 1949 e é natural de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. É graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC) e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF), ambos, mestrado e doutorado, tiveram o foco nas obras poéticas afro-brasileiras (Literafro, 2009). A autora afirma que "as personagens centrais de minha criação, seja ela ficcional ou crítica, nascem profundamente marcadas por minha condição de mulher negra e pobre na sociedade brasileira" (Evaristo, 2015, p.2). O conto escolhido da obra *Olhos D'água*³ para ser analisado é *Beijo na Face*, cujo tema central é a violência doméstica, com destaque para as relações que a personagem principal estabelece com os meios para emancipação de sua identidade.

A história nos apresenta Salinda como protagonista e descreve sua relação com o atual marido e a maneira que ele a vigia nas suas tarefas cotidianas por meio de terceiros. Logo, ela tem sua liberdade privada, pois ele a controla em todas as áreas da sua vida. Assim, ele realiza ameaças verbais para ela não se separar dele, como tirar a guarda de seus filhos, suicídio ou matá-la. Em meio ao caos, seu lugar de refúgio é viajar com os filhos para a casa de Tia Vandu, em Chã de Alegria.

Para Salinda, Tia Vandu é a única pessoa em quem pode confiar, pois, além de saber da situação de violência em que a personagem se encontra, também se torna um apoio ao descobrir seu maior segredo: a descoberta de um novo amor. No meio da violência, Salinda se apaixona por uma mulher negra como ela. Nesse amor ela se fortalece na convivência e no carinho que cresce entre as duas. O relacionamento homoafetivo passa a ser um ponto de equilíbrio, além de artifício

³ O conto "Beijo na face", publicado pela primeira vez em 2003, na série literária *Cadernos Negros*, consta também da antologia *Olhos d'água* organizada, em 2014, pela Editora Pallas (Gomes, 2017, p.1).



para um fragmento de emancipação para Salinda. Apesar do marido violento posteriormente descobrir esse romance, e a ameaçar psicologicamente, ela escolhe resistir e lutar pela própria vida.

A partir do panorama inicial do corpus em que propomos analisar, faremo-no pelo caminho teórico e metodológico da Psicologia Social Crítica. Sendo assim, é de interesse deste trabalho problematizar como a violência doméstica atravessa mulheres negras e suas relações? E mais, quais as possibilidades emancipatórias das mulheres negras? Segundo a lei brasileira Maria da Penha, N° 11.340, de 7 de agosto de 2006, Art. 5º, configura-se violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. (Brasil, 2006). Logo, os mecanismos para a concretização da violência doméstica são os mais diversos, como por exemplo suas relações afetivas com a sua família, causando o adoecimento mental e físico das vítimas pois, por diversas vezes os agressores pertencem ao próprio núcleo familiar, dessa forma “a violência se constitui em fenômeno complexo, polissêmico e multifatorial, podendo resultar em uma miríade de consequências à saúde física e mental da vítima” (Pinto et al., 2020, p.2).

A identidade se concretiza socialmente, todo processo de identidade é formado coletivamente, é influenciado pelo grupo social em que o indivíduo está inserido, conforme afirma Ciampa (1984, p.59) "a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele". Por conseguinte, a identidade de mulheres negras em situação de violência é determinada por elementos sociais e históricos que banalizam seus corpos se concretizando em estatísticas com números altíssimos de agressão. Ao perpetuar os papéis sociais cristalizados nas mulheres negras, as identidades se apresentam como a reposição do lugar que lhes foi socialmente dado, como os de violência simbólica e física. É importante considerarmos a interseccionalidade dos aspectos que envolvem gênero, raça e classe, pois constituem fundamentos essenciais para a discussão. Conforme Collins e Bilge (2021) o conceito de interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais marcadas pela diversidade, assim como as experiências individuais da vida cotidiana. Também sendo empregada como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, nacionalidade, etnias, dentre outras, moldam-se e se constituem mutuamente. Assim, nesse trabalho, considera-se a “ideia de um ponto de vista próprio à experiência e ao lugar que as mulheres ocupam, cedendo lugar à ideia de um ponto de vista próprio à experiência da conjunção das relações de poder de sexo, de raça, de classe [...]” (Hinata, 2014, p. 61). Neste sentido, gênero tradicionalmente utilizado para se referir às categorias gramaticais “masculino” e “feminino” e “neutro”, atualmente, também abrange categorias baseadas



no sexo biológico, tal como nas frases “diferença de gênero” e “políticas de gênero” para além do binarismo biológico (Scott, 2021, p. 178).

Por outro lado, o conceito de raça no Brasil concretiza-se através do mito da democracia racial, sob embranquecimento da identidade nacional, “o fato é que a história da formação social do Brasil é a história da escravidão e, conseqüentemente, dos seus desdobramentos: racismo científico, racismo cultural, mito da democracia racial, ideologia da mestiçagem” (Lima, 2022, p. 244).

Em vista disso, nosso objetivo é analisar os impactos da violência doméstica na construção identitária das mulheres negras presentes no conto literário *Beijo na Face*, de Conceição Evaristo, para compreender os processos e relações interpessoais que envolvem a história de Salinda, sua companheira e Tia Vandu, como possibilidade dessas relações serem ferramentas para a formação de fragmentos de uma identidade emancipatória, uma força motriz para enfrentamento às situações de violência.

2 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, em que foi realizado um estudo de caso a respeito da identidade de uma mulher negra. A análise foi embasada pelos pressupostos da Psicologia Social Crítica, que se utiliza das práxis marxistas dialética proposta por Karl Marx. Adotar essa perspectiva metodológica de análise significa compreender as relações do ser humano de maneira totalizante a partir de sua materialidade, de seu concreto (Lane, 1984).

Primeiramente, buscamos identificar os enunciados no conto à luz da concepção de identidade proposta por Ciampa (1984), pela tríade identidade-metamorfose-emancipação. A partir dessa concepção, separamos os enunciados em categorias e, de maneira interseccional, buscou-se evidenciar os aspectos estruturais que atravessam a identidade de uma mulher negra em contexto de violência doméstica; identificar pelos enunciados os indícios de processo de emancipação e metamorfose da identidade da personagem/Salinda, com o intuito de verificar possíveis indicações emancipatórias.



3 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E O IMPACTO DA CRISTALIZAÇÃO DE PAPÉIS NA IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS

Segundo a Pesquisa Nacional de Vitimização (PNV) mulheres negras têm mais chances de sofrer violência. Os dados entre 2010 e 2012 indicam uma porcentagem de 22,02% de mulheres negras que já sofreram algum tipo de violência. Nos índices estatísticos de violência doméstica no Brasil encontram-se diversas pesquisas, em que há recorte de localização e classe, mas poucas pesquisas levam em consideração o fator raça, perpetuando o apagamento social de mulheres pretas. Dessa forma, nos dados levantados entre os anos de 2009 e 2015 no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), entre as mulheres vítimas de violência doméstica e agressão desse período, 44% eram brancas e 56% negras.

Mulheres negras morrem mais que as não negras, esse dado se refere ao levantamento realizado pelo IPEA, o qual sinaliza o mapa da violência do Brasil em 2018: “68% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras, sendo assim enquanto entre as mulheres não negras a taxa de mortalidade por homicídios no último ano foi de 2,8 por 100 mil, entre as negras a taxa chegou a 5,2 por 100 mil, praticamente o dobro” (Ipea, 2021). Ademais, quando se analisa os dados entre 2008 e 2018, a diferença entre os índices de homicídios, comparando mulheres pretas e não brancas fica ainda mais evidente: enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras caiu 11,7%, a taxa entre as mulheres negras aumentou 12,4% (Ipea, 2021).

É possível constatar os altos índices de violência contra mulheres negras, por conseguinte, a sua morte. Perdura o racismo que massacra essas mulheres simbolicamente até sua morte, então podemos afirmar que essa violência, antes de ser materializada, evidencia-se em uma violência simbólica enquanto anamnese da ordem escravocrata brasileira. (Garcia, 2020, p.107).

Os processos de subjetivação da identidade de mulheres pretas são atravessados pela linguagem, sendo assim os estereótipos se manifestam nos discursos, que, segundo Bhabha (2012, p.107), “é uma forma de discurso crucial para a ligação de uma série de diferenças e discriminações que embasam as práticas discursivas e políticas da hierarquização racial e cultural”. Assim, uma vez que mulheres negras no Brasil foram colonizadas por meio da miscigenação mediante a violência sexual do homem branco colonizador, o corpo delas, que foram traficadas e escravizadas, perpetua o racismo em um movimento anacrônico concretizado pela violência simbolizada historicamente com seus corpos postos num lugar objetificável (Garcia, 2020).



Destarte, a pele é um significante chave da diferença cultural e racial do estereótipo e o mais visível dos fetiches, pois é reconhecido como estigma, a cor da pele preta é marcada por uma série de discursos culturais, políticos e históricos que apresenta um papel público na racialidade encenado todos os dias nas sociedades coloniais (Bhabha, 2012). Ou seja, as mulheres negras não possuem escapatória sobre o olhar social que é colocado em seus corpos, os papéis sociais que representam mulheres pretas são cristalizados, colocam-nas como mulheres colonizadas e violentadas.

Segundo bell hooks (2020) há uma obediência à dominação masculina, posto que os homens em sua maioria adotam esse pensamento e cultivem atitudes que são dominantes sobre as mulheres, por consequência desses fatores, em um relacionamento amoroso, os homens podem se tornar abusivos com suas parceiras como maneira de controle sobre diversas áreas de sua vida, para as tornarem vulneráveis, criando um sentimento de medo a ponto de algumas mulheres não terem coragem de terminar, dificultando a saída delas desse relacionamento sem uma comunidade de apoio.

Percebemos que papéis sociais cristalizados de subalternização, objetificação e violência física e simbólica de seus corpos se materializam na identidade de mulheres negras brasileiras. De acordo com Ciampa (1984), de certa forma reatualizamos a partir de interações sociais a identidade pressuposta (ex: mulheres negras no locus social de pobreza e subalternidade expostas às piores situações sem amparo algum, sendo invisibilizadas), logo, essa identidade é repostada como algo dado, retirando seu caráter de historicidade, aproximando-se do mito que prescreve as condutas corretas de comportamento, reproduzindo o social.

Portanto, a interseccionalidade entre gênero, raça e classe, a subjetividade e identidade de mulheres negras é historicamente marcada por eles, colocando-as em um lugar de servidão e sofrimento psíquico, propiciando situações de vulnerabilidade. Nesse contexto, mulheres negras são vistas como pouco capazes em todos os sistemas: econômico, jurídico e político, que, com seus mecanismos perpetuam a condição de subalternidade dessas mulheres, mantendo-as com salários baixos, fora dos espaços de decisão, expondo-as a vários níveis de violência (Almeida, 2020).

A identidade de mulheres negras em situação de violência doméstica é atravessada por uma realidade racista e machista, em que, ao longo da história da colonização, seus corpos continuam sendo duplamente violentados pelas questões de gênero e raça. Por isso, é negado a elas o direito de emancipação e transformação de sua realidade, através da cristalização de uma identidade pressuposta pelo sistema de opressão capitalista, “muitas pessoas são tolhidas de se transformar,



ou seja, são forçadas a reproduzir-se como réplicas de si, involuntariamente, a fim de preservar interesses estabelecidos e situações convenientes ao sistema”. (Paulino-Pereira, 2014, p.62-63). Então, mantendo mulheres negras em um lugar de *mesmice*, que consiste em identidades cristalizadas em um locus de subalternização, ou seja, na maioria das vezes são submetidas a papéis sociais que não garantem possibilidades de existência, resulta que, segundo Ciampa (1984, p. 67), “a *mesmice* de mim é pressuposta como dada permanentemente: não como reposição de uma identidade que uma vez foi posta”.

Ciampa (1984) propõe uma teoria que discute a identidade pela tríade conceitual de emancipação, transformação e metamorfose interligados para constituir fragmentos de idade social (reificada), a normatividade (ilegítima), a intersubjetividade (relações interesseiras, coercitivas) e a subjetividade (falsa consciência, autoengano). Portanto, o processo de se tornar humano é a primeira constitutiva de emancipação, embora o processo de emancipação possa ser prejudicado pela violência e coerção que desumaniza os indivíduos ao torná-los a-históricos, logo a luta pela emancipação se torna a última instância que dá sentido ético à identidade (Paulino-Pereira, 2014).

A identidade sempre se caracteriza como um processo de metamorfose, dessa forma, se não ocorre a transformação que consiste na superação das identidades impostas pela sociedade capitalista, o indivíduo vive sua metamorfose como reposição de sua identidade na reprodução da *mesmice*, sustentando-se em conservar uma condição prévia, para preservar os interesses do capital, logo, sem a metamorfose que promova transformação e superação, o processo emancipatório é prejudicado ou até mesmo negado (Paulino-Pereira, 2014).

Por conseguinte, a identidade de mulheres negras em situação de violência é determinada por situações sociais e históricas que banalizam seus corpos, tornando-se uma estatística com números altíssimos de agressão, apesar de a identidade se caracterizar numa constante metamorfose na conjuntura social, política e histórica, vem se apresentando como não metamorfose na existência de mulheres afro-descendentes brasileiras (Paulino-Pereira, Santos & Mendes, 2017).

4 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA COMO FORMA DE APRISIONAMENTO DA IDENTIDADE DE MULHERES NEGRAS

Ao adentrar a narrativa de Salinda, são resgatados aspectos que representam sua vida no momento que o conto se passa, mesclando com momentos de sua história que são imprescindíveis para compreender os movimentos que ocorrem com sua identidade. No período em que se passa



a história, Salinda casou-se com um homem há muitos anos, embora eles tenham se separado durante um tempo, voltam com o relacionamento algum tempo depois. Ele assumiu a criança de Salinda, que não é sua filha biológica, logo depois eles tiveram um filho menino e iniciaram as ameaças.

Ao caminhar do conto, é explicitado que as ameaças do parceiro a Salinda se intensificam “Aos poucos as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a” (Evaristo, 2014, p.53). Percebemos que a personagem representa situações de mulheres negras na realidade brasileira, que de acordo com Ciampa (1984) não é possível desassociar o estudo da identidade social dos indivíduos, pois as diferentes possibilidades de configuração de uma identidade estão relacionadas à sociedade. Diante disto, as situações de violência doméstica influenciam diretamente na configuração da identidade de mulheres negras, pois estão ligadas ao lugar social que elas estão inseridas.

A manutenção do relacionamento da personagem se configura pela ameaça porque, além de tudo, ele a vigia, aonde quer que ela vá, por meio de terceiros, a personagem tem sua liberdade privada por não conseguir viver sem que o parceiro a espione em tudo que ela faz. Seus movimentos passam a ser controlados, o que faz ela pensar minuciosamente antes de qualquer ação, por medo do que pode chegar até o marido.

Salinda não podia sair só. Os filhos, sem saber, tinham sido transformados em vigias da mãe. A viagem de regresso, que ela fez sozinha, foi controlada desde o momento em que deixou a casa da tia. No princípio, logo que começou a ser vigiada, chegou a pensar que estivesse sofrendo de mania de perseguição. Confirmou, porém, que estava sendo seguida, quando, numa noite, o marido, julgando que ela estivesse dormindo, falava alto na sala ao lado e sem querer ela ouviu todo o teor da conversa. Ele pedia notícias de todos os passos dela (Evaristo, 2014, p.53).

Ao descobrir que está sendo observada, Salinda passa a se movimentar pelo medo. “Salinda por isso, vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele. Tinha medo, sentia-se acuada, embora às vezes pensasse que ele nunca faria nada, caso ela o deixasse de vez.” (Evaristo, 2014, p. 54) Logo, o relacionamento amoroso neste momento de sua vida torna-se um lugar violento, segundo bell hooks (2020) amor e abuso não coexistem, pois abuso e negligência são por definição opostos a cuidado. Por conta do abuso a personagem não pode exercer outros papéis além dos que essa relação a obrigou a exercer, por receio do que o parceiro pode fazer contra ela e seus filhos, ou seja, ela repõe a identidade pressuposta para ela todos os dias, pela impossibilidade de



viver outras identidades geradas no contexto de violência que está inserida. Conforme Almeida e Pereira (2012, p.58) “a outra face da violência doméstica contra as mulheres pretas e pardas emerge quando se atenta para os papéis a elas designados em suas relações afetivas e íntimas, ou seja, no contexto doméstico e familiar em sentido mais amplo”.

Em situações de violência doméstica estabelece-se uma relação de poder na vivência afetiva do relacionamento em que as vítimas são colocadas no lugar de subservientes na relação, em especial mulheres negras como Salinda, ou seja, para analisar os moldes que sua identidade exerce na relação de dominação estabelecida no relacionamento não há como ignorar as desigualdades, tal como o reconhecimento de seu grupo social, os fenômenos de dominação, violência e reificação que existem no mundo atual e afetam sua realidade (Almeida, 2017). Logo, é necessário ter um olhar mais aprofundado sobre as vivências íntimas e afetivas da violência doméstica e familiar contra mulheres negras para compreender em que medida ela está enraizada no processo de colonialidade do poder (Almeida & Pereira, 2012).

Ao sequenciar o conto é possível notar a relação de culpa que Salinda cria ao se arrepender de ter voltado com o parceiro. Esse aspecto explicita a culpabilização social de mulheres que são as vítimas, ao repetirem os ciclos de violência em que estão inseridas. Percebemos que a personagem, além das agressões existentes no relacionamento, também precisa lidar com as marcas que a violência social exerce em sua vida, mediante sentimento de culpa, isto é, “no imaginário social, em situações de violência, em geral, existem duas opções: responsabilizar ou vitimizar as mulheres” (Pedrosa & Zanello, 2017, p.1).

As violências sofridas por Salinda na história configuram-se como violência psicológica, pois, devido às intimidações do parceiro, tem seus direitos básicos privados, tal como a ameaça de perder a guarda de seus filhos. Conforme a Lei Maria da Penha (2006):

Art. 7º, inciso II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (Brasil, 2006).

Assim, por conta da violência e coerção causadas por seu casamento, a metamorfose da identidade de Salinda até então se apresenta como a reposição da mesma previamente estabelecida para mulheres negras em situação de violência doméstica, causando seu adoecimento mental.



Por estar exposta a essas agressões desde seu nascimento por ser preta, a personagem se endurece para resistir a esse relacionamento, para proteger os filhos e a si própria. De acordo com Ciampa (1984) os sujeitos não estão liberados de sua condição histórica, embora sua identidade não esteja estabelecida permanentemente sem mudança, logo, esse é um desafio para ser enfrentado nas questões sobre identidade. Dessa maneira, é evidente como mulheres negras como Salinda herdam condições históricas da estrutura capitalista que acarretam dificuldades para elas romperem o ciclo de violência doméstica e se emanciparem.

5 AFETOS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS COMO UMA VIA EMANCIPATÓRIA PARA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Para fortalecer a si mesma, a memória de Salinda se faz presente desde o início, ao recordar dos momentos com sua amada é nos revelado aos poucos um amor que floresce em meio à violência, como um suave beijo na face “rememorou ainda o corpo que um dia antes estivera em ofertório ao seu lado. Tudo parecia um sonho. Os toques aconteceram carregados de sutileza” (Evaristo, 2014, p.51).

Ao começar esse novo relacionamento, Salinda experimenta novos sentimentos e sensações fazendo o relacionamento amoroso tomar outro lugar em sua vida, antes atrelado à violência, agora se torna esperança, libertação e acolhimento para ela, mesmo que a conta gotas. Salinda se permite viver algo que antes não era possível. O romance que a personagem passa a viver é um relacionamento homoafetivo, ou seja, com outra mulher negra como ela, as nuances dessa relação entre elas são significativas na história pois existe um fator de identificação e acolhimento em um laço afetivo entre duas mulheres negras. Portanto, o amor entre duas mulheres pretas em uma sociedade que nega a sua existência é um ato revolucionário.

Na relação que vem sendo construída com sua parceira, a personagem permite-se exercer outras identidades que antes não lhe eram permitidas “Havia dois tempos fundamentais na vida de Salinda: um tempo em que com o marido estava envolvida e cada vez mais se diluía e o tempo em que o novo amor se solidificava” (Evaristo, 2014, p. 54). Conforme bell hooks (2020) quando escolhemos amar, escolhemos nos mover contra o medo. Assim, destaca-se a importância dos vínculos afetivos na construção de novas identidades emancipatórias construídas através da relação com o outro. No caso de Salinda os momentos e lembranças com sua “igual” se manifestam como um refúgio e possibilidade de enfrentamento da violência vivida em casa. Se o sujeito busca a



emancipação em sua relação com a sociedade, Salinda é uma mulher negra vivendo um relacionamento marcado pela violência doméstica, a relação com o outro é indispensável na construção de identidade, na medida em que precisa se reconhecer no outro para ver a si mesmo, em um processo dialético (Ésther, 2014, p.6).

Conforme Paulino-Pereira (2014) na intersecção entre o individual e o coletivo a memória se torna um recurso indispensável para a reconstituição do passado, a memória é fundamental para se entender a identidade. No caso de Salinda as recordações do amor que está vivendo tornam-se fonte de confiança, assim florescendo novas versões para si mesma no âmbito da sua intimidade. Os afetos construídos na união com sua companheira, passam a movimentá-la em direção à cura “o poder curativo do amor redentor nos atrai e nos convoca em direção à possibilidade de cura” (bell hooks, 2020, p.211).

Sendo assim, a memória é imprescindível na construção de novas identidades para si mesma, se tornando refúgio do seu casamento violento, pois, conforme Almeida (2014), no plano social, ao se falar da noção de emancipação busca-se abarcar a violência sofrida por indivíduos e seus grupos, como as da personagem.

Voltava para casa trazendo lembranças entalhadas na memória. Jogou algumas roupas no tanque; outras, ainda úmidas do desejo que brincava nos corpos amantes, para essas, ela inventou um esconderijo. Queria a preservação do tesouro, que as peças mofassem sob a ação do tempo íntimo de sua esperança (Evaristo, 2014, p.54).

Outra figura importante para a narrativa de Salinda é Tia Vandu, descrita pela personagem como um misto de tia-avó, mãe e amiga. Tia Vandu se torna guardiã do segredo de Salinda, e a ajuda a se encontrar com sua amada.

Torna-se o apoio que a personagem precisa em meio a tudo que ela está enfrentando, reforçando a importância de uma rede de apoio a vítimas de violência que tendem a sofrer isolamento por conta disto, o apoio se intensifica com maior força para mulheres negras como Salinda quando têm pessoas para as ajudar, como é o caso de sua Tia; torna-se, portanto, mais viável saírem de um contexto violento.

Na narrativa de Salinda, Tia Vandu impulsiona o voo da personagem que estava presa até então “Tia Vandu, em Chã da Alegria, era a única pessoa que adivinhou o sofrimento de Salinda, acolheu seu segredo e se tornou cúmplice. Era na casa da tia que os encontros aconteciam” (Evaristo 2014, p.53). Logo, além de abrigo emocional, Tia Vandu também cede sua casa para que



Salinda encontre sua companheira, fornecendo um lugar seguro para que a personagem possa ser ela mesma para além das mazelas impostas pelo seu casamento violento.

Portanto, nota-se que o processo emancipatório de Salinda é construído coletivamente pelas relações que ela estabelece com sua companheira amorosa e também sua Tia Vandu e filhos, as transformações da sua vida não acontecem em um processo em si mesma, pois a identidade é um processo político, então no caso de Salinda não é diferente, através de suas relações sua identidade vai se transformando a partir do momento em que ela pode ser outras “Salindas” em seu novo relacionamento romântico, assim como na relação com sua tia.

O que antes era prisão se torna possibilidade de voar, e é assim que Salinda como uma mulher preta e bissexual começa sua pequena revolução dentro de si. “Feliz, cantou, soltou a voz pelas terras de Chã de Alegria. As crianças acordaram ao som da ave-mãe que não estava presa na gaiola” (Evaristo, 2014, p.55).

Ao perceber a demora de seu marido para chegar em casa, Salinda percebe que aconteceu alguma coisa, embora no primeiro momento não queira acreditar que ele tenha descoberto sobre seu novo amor e as possibilidades do que ele poderia fazer ao descobrir, mas o silêncio e os pensamentos tomam conta da sua mente. Quando o telefone toca ela tem certeza de que é ele:

Do outro lado do fio, com uma voz forçosamente calma, o marido anunciou que já sabia de tudo. Perguntou se ela havia esquecido de que os olhos da noite podem não ser somente estrelas. Outros olhos existem; humanos vigiam. E riu debochando do descuido dela da tia. Disse ainda que não queria vê-la nunca mais, mas era bom ela ir se preparando para uma guerra. Não ia matá-la. Não ia cometer suicídio. Mas ia disputar ferrenhamente os filhos. Ele queria os filhos, todos (Evaristo, 2014, p. 55/56).

Nota-se como mais uma vez a violência que configura o casamento de Salinda é a psicológica, do qual o medo e intimidação são as principais ferramentas que seu atual marido utiliza para amedrontá-la, ao ameaçar tirar a guarda dos filhos, pois, ele pretende fazê-la sofrer ao deixá-la sozinha sem os filhos, como uma forma de punição, além da sua morte simbólica por meio do abandono.

A violência se expressa de diferentes formas, e muitas vezes assume formas sutis e dissimuladas, que socialmente são naturalizadas e quase invisíveis. A noção de emancipação também deve dar conta dessa violência escondida que degrada a identidade das pessoas. (Almeida, 2017). Demonstra-se pela primeira narrativa da personagem, que, apesar do medo, Salinda sente alívio, demonstrando a transformação de aspectos de sua identidade que antes eram movidos somente pelo medo paralisante. O medo de Salinda ainda existe, ela se questiona o que irá fazer a



partir daquele momento, e em quem irá se apoiar nesse momento apesar de se sentir sozinha, sabe que tem o apoio de Tia Vandu.

Sendo assim, desistir dos filhos não é uma opção, ela irá lutar por eles, nesse sentido sua identidade se mostra como um processo progressivo. Apesar disso, Salinda não está liberta de sua condição de mulher negra em uma relação violenta, então quando se discute sobre as ações dotadas de sentido emancipatório, elas encaram o sistema de dominação social e reificação da realidade, podendo ser insuficientes para superar as desigualdades e formas de dominação existentes (Almeida, 2017).

Entretanto, pode-se notar como a identidade de Salinda ao longo do conto se apresenta como plasticidade, movimento, ao decidir que vai lutar para conseguir ter a guarda dos filhos, saindo da conformidade que estava inserida e enfim terminar o casamento que se configura como violência doméstica. Ela se permite planejar o futuro, embora a história não forneça elementos para saber se a personagem conseguiu fazer todas essas coisas, a narrativa dela se encaminha para um fio de esperança, conforme afirma Paulino-Pereira (2014), a materialidade da identidade permite ao ser humano expressar a condição de plasticidade entendida como a capacidade de projetar mundos, o “vir-a-ser” da identidade que se expressa na forma de novos personagens, como sonhos, projetos e esperanças.

Para a Salinda significa finalmente ter a possibilidade de ser livre, e assumir outros papéis além daqueles impostos para mulheres negras em condição de violência doméstica e poder viver o amor com sua igual “é esse amor perfeito que é redentor — que pode, como o calor de um fogo alquímico intenso, queimar as impurezas e deixar a alma livre” (bell hooks, 2020, p.212).

É na poesia do amor que Salinda busca as memórias para se abrigar em meio à confusão e medo que a transformação vai provocar em sua vida. No final são as relações com o outro que dão sentido à nossa construção de identidade, e conseqüentemente, processos emancipatórios. E não seria diferente para a personagem ao se reconhecer em outra mulher preta, que como ela se iguala e se diferencia, tornando-se uma, mas ao mesmo tempo dando ferramentas para novas configurações para sua existência em um movimento dialético.

Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E no lugar da sua face, viu a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas as aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que



parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava. E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele e da memória (Evaristo, 2014, p. 57).

No encontro com o outro a canção da vida se desenvolve na memória que conta histórias e permite novas possibilidades para mulheres negras em situação de violência doméstica como a de Salinda. Assumir novos papéis, transformar o lugar do amor de lugar violento em afago e abrigo como um suave beijo na face. Assim como a metamorfose de uma borboleta amarela, que antes se apresentava com a forma de uma lagarta e através do movimento de transformação vira borboleta, existe a oportunidade de Salinda voar, logo “identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um numa infundável transformação” (Ciampa, 1984, p.74). Sendo assim, que outras mulheres negras possam ter chance de transformação e ser borboletas que passaram pela metamorfose em suas infinitas possibilidades de voo a partir de então.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos neste trabalho problematizar os impactos da violência doméstica na construção de identidade de mulheres negras e evidenciar as condições emancipatórias na (re)construção de novas formas de identidade de mulheres pretas baseado na narrativa da personagem principal de *Beijo na Face*. A narrativa de Salinda escrita por Conceição Evaristo demonstra que a personagem toma corpo; as dores, angústias e amores que atravessam a vida dela se tornam palpáveis. Logo, o recorte da história sinaliza que a identidade de Salinda é complexa, contraditória, ou seja, dialética.

Embora os mecanismos de enfrentamentos contra a violência doméstica sejam diversos, como no caso de Salinda, sua rede de apoio (Tia Vandu), o seu atual relacionamento amoroso, seus filhos, promovem afetos, porém, não são suficientes para garantir a segurança dela e de outras mulheres negras que passam pela mesma situação, muito menos garantem a possibilidade de se emancipar. A questão da violência contra mulheres negras deve ser enfrentada de maneira interseccional entre gênero, raça e classe, pois todos esses fatores localizam os lugares que nós mulheres negras podemos ocupar e quais papéis podemos exercer.

Por fim, defendemos a necessidade de enfrentamento a respeito da violência doméstica compreendendo o impacto identitário vivido por mulheres negras nesse contexto. Acreditamos na



necessidade de garantias de direito, que se estabelecem pela construção e manutenção de políticas públicas que possibilitem às mulheres negras existirem em outros lugares além da serventia, pobreza e agressão. Portanto, um enfrentamento a partir de leis mais eficientes contra violência doméstica que levem em consideração gênero, raça e classe, fortalecendo políticas que promovam o acesso à educação, condições básicas de vida (saneamento básico, comida e moradia, emprego), ou seja, direitos de serem cidadãs.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. Identidade e emancipação. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

ALMEIDA, Silvio. Racismo, Ideologia e Estrutura Social. In: ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo. Pólen, 2019.

ALMEIDA, Tania Mara Campos de; PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Violência doméstica e familiar contra mulheres pretas e pardas no Brasil: reflexões pela ótica dos estudos feministas latino-americanos. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**, v. 2, n. 2, , 2012.

BHABHA, K. Homi. A outra questão. O Estereótipo, a Discriminação, e o Discurso do Colonialismo. In: Bhabha H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

BRASIL. Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União - Seção 1 - 8/8/2006, Página 1, Brasília, DF: Congresso Nacional, 2006.

CERQUEIRA, DRDCC et al. & Figueiredo, TDS (2020). **Atlas da violência 2020**, 2020.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento** (p. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1984.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

ENGEL, Cíntia Liara. A violência contra a mulher. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Ministério da Economia. Brasília. 2020.



ÉSTER, A. B. **Síntese da identidade na perspectiva da psicologia social crítica**, 2014.

EVARISTO, Conceição. Beijo na face. In: Evaristo C. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2014.

EVARISTO, Conceição, Entrevista com Conceição Evaristo. Fundação Biblioteca Nacional, 2015. Disponível em:

<https://antigo.bn.gov.br/acoinc/2015/11/entrevista-com-conceicao-evaristo>.

Acesso em: 14 de junho de 2022.

GARCIA, Danler. Violência contra a mulher negra no Brasil: ponderações desde uma criminologia interseccional. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 7, n. 2, 2020.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, 2014.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Trad. Stephanie Borges, São Paulo: Elefante, 2020.

LANE, Sílvia TM. Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**, São Paulo: Brasiliense, 1984.

LIMA, Nathalia Diorgenes Ferreira. Preto é o lugar onde eu moro: o racismo patriarcal brasileiro. **Revista Katálysis**, v. 25, 2022.

LITERAFRO. Conceição Evaristo. Literafro, 2009. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 14 de junho de 2022

PALMA, Lavínia; RICHWIN, Iara Flor; ZANELLO, Valeska. Dispositivos de subjetivação e sofrimento das mulheres: para uma escuta gendrada das emoções no campo da psicoterapia. **Caderno Espaço Feminino**, v. 33, n. 2, 2020.

PAULINO-PEREIRA, Fernando César; SANTOS, Lara Gabriella Alves dos; MENDES, Sarah Cristina Carvalho. Gênero e identidade: possibilidades e contribuições para uma cultura de não violência e equidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

PAULINO-PEREIRA, Fernando César. Ampliando a discussão sobre a teoria da identidade e emancipação humana. In: PAULINO-PEREIRA, Fernando César. **Psicologia Social e Identidade Humana: A militância social como luta emancipatória**. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

PEDROSA, Mariana; ZANELLO, Valeska. (In) visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, 2017.



PINTO, Isabella Vitral et al. Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, n. suppl 1, p. e200006. SUPL. 1, 2020.

SCOTT, Joan Wallach; URSO, Graziela Schneider. Gênero. **albuquerque: revista de história**, v. 13, n. 26, 2021.

Enviado em: 11/05/2024
Aceito em: 11/10/2024